

Emprego formal perde força e sinaliza otimismo menor em 2025

Criação de vagas em outubro fica abaixo do previsto e tem ímpeto contido em serviços

Por **Marsílea Gombata e Guilherme Pimenta** — De São Paulo e Brasília

28/11/2024 05h01 · Atualizado há 2 horas

O mercado de trabalho formal desacelerou em outubro e criou menos vagas com carteira assinada que o previsto. Os números, contudo, não mudam o cenário positivo de 2024, afirmam economistas. Para 2025, a perspectiva é de desaceleração.

No mês passado, o mercado de trabalho brasileiro registrou abertura líquida de 132.714 empregos com carteira assinada, resultado de 2.222.962 admissões contra 2.090.248 desligamentos, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgado ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

O resultado ficou abaixo da mediana das estimativas de consultorias e instituições financeiras ouvidas pelo Valor Data, de criação de 199.019 postos de trabalho. O número foi pior que o de outubro do ano passado, quando houve a abertura de 187.070 vagas.

No acumulado de janeiro a outubro foi registada abertura líquida de 2.117.473 vagas.

Os números do Caged de outubro mostram perda de ritmo do mercado de trabalho, afirma Hélio Zylbersztajn, professor sênior da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA) da Universidade de São Paulo e coordenador do Salariômetro da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

“Já vemos uma tendência de redução do ritmo. Os números indicam um arrefecimento do mercado de trabalho, que ainda cresce, mas a um ritmo menor”, diz.

As cinco regiões do país apresentaram abertura líquida de vagas formais de trabalho. Dentre os cinco setores da economia, três tiveram abertura líquida de postos formais. Em serviços, a abertura foi de 71.217 vagas, na indústria, de 23.729, e no comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, 44.297.

Houve fechamento em agropecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (-5.757) e construção (-767).

Segundo Bruno Imaizumi, economista da LCA Consultores, a criação líquida de vagas com carteira assinada em outubro foi menor do que o esperado devido à queda não apenas em agropecuária e construção, mas também do menor ímpeto em serviços.

“Observamos uma queda muito forte em subclasses [da construção] ligadas a vagas relacionadas ao setor público. Houve queda de 4.300 vagas em construção de rodovias e ferrovias, de mil vagas em obras de urbanização, ruas, praças e calçadas”, afirma, ao observar que algumas contratações podem ter sido feitas no pré-eleição.

“Em serviços, por sua vez, a única categoria que não desacelerou foi a de serviços de saúde.”

Ao longo do ano, indústria e serviços foram os setores que puxaram a criação de vagas com carteira assinada, mas esse ritmo não deve se manter em 2025, avalia Lucas Assis, economista e analista da Tendências Consultoria, ao prever desafios para o mercado de trabalho formal adiante.

O economista observa que, apesar de a criação de novas vagas ter sido menor em outubro do que em setembro, o resultado não muda a perspectiva favorável para o mercado formal.

“Ao longo do ano, o destaque foi o setor de serviços. Dentro dele, atividades administrativas e serviços complementares foram responsáveis pela criação de mais de 324,8 mil vagas. A indústria também teve desempenho bastante positivo, com criação de 429,5 mil vagas no acumulado do ano”, diz.

Na divulgação dos dados de outubro do Caged, o MTE afirmou que o salário médio de admissão de novos empregados com carteira assinada ficou em R\$ 2.153,18. O valor representa queda de R\$ 18,96 em relação a setembro. O salário médio de demissão ficou em R\$ 2.223,62, ante R\$ 2.251,82 em setembro, recuo de R\$ 28,20.

Zylbersztajn observa que o salário de admissão menor pode refletir uma mudança na dinâmica de contratações.

“Durante muito tempo as pessoas foram contratadas ganhando igual aos que já estavam trabalhando, na média, quando se espera que quem entre ganhe menos do que quem está trabalhando”, diz o economista.

“Parece que estamos vendo que pessoas contratadas agora estão recebendo menos do que aqueles que estão no mercado, um cenário mais normal.”

O MTE afirmou ainda que, em outubro, o Brasil gerou liquidamente 41.523 novos postos de trabalho intermitente, de aprendizes, temporários, contratados por Cadastro de Atividades Econômicas da Pessoa Física ou com carga de até 30 horas. O número foi resultado de 310.259 admissões e 268.736 desligamentos.

““

Números indicam um arrefecimento do mercado de trabalho”

— Hélio Zylbersztajn

Os dados piores que o esperado do Caged de outubro levaram a um reajuste de projeções. A LCA Consultores revisou para baixo a projeção para 2024 de criação líquida de 1,9 milhão para 1,8 milhão de vagas. Para novembro, a consultoria espera criação de 130 mil novas vagas, e para dezembro, saldo negativo.

“Ainda assim, esses são dados que mostram um mercado de trabalho muito forte em 2024, cenário que é reforçado pelos recordes de desligamento a pedido que temos visto”, afirma Imaizumi, ao lembrar que, no acumulado em 12 meses, o total de demissões a pedido chega a 8,4 milhões.

No curto prazo, diz Assis, a perspectiva é de manutenção do ritmo de abertura de vagas.

“[Isso porque] o cenário de atividade econômica tende a se manter positivo, apoiando o avanço da massa de renda. E isso beneficia postos de segmentos como serviços prestados às famílias e comércio”, diz o economista.

“As condições de crédito ainda satisfatórias trazem expectativa positivas para esses segmentos. A indústria, por sua vez, deve ter desempenho favorável, especialmente no seguimento de bens de capital, o que favorece a indústria de transformação.”

O ano de 2025, contudo, apresenta desafios importantes para a manutenção desse ritmo no mercado formal, afirma Assis.

“Temos inflação ainda em patamares elevados e expectativa de aumento contínuo das taxas de juros, o que pode impactar a expectativa de crescimento”, diz.

A Tendências Consultoria prevê que a criação líquida de 1,8 milhão de vagas neste ano desacelere para 1 milhão no ano que vem.

Para 2025, afirma Zylbersztajn, dificilmente haverá um cenário vigoroso como o deste ano.

“Veremos, pelo menos, uma estabilização”, diz, ao prever um saldo líquido de entre 1,7 milhão e 1,8 milhão neste ano.